



Diana Luz Pessoa de Barros (Org.)

PRECONCEITO É INTOLERÂNCIA

reflexões linguístico-discursivas



Universidade Presbiteriana Mackenzie

Preconceito e intolerância

reflexões linguístico-discursivas

Coleção AcadeMack, 10

UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE

Reitor: Benedito Guimarães Aguiar Neto

Vice-reitor: Marcel Mendes

PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO

Pró-reitora: Helena Bonito Couto Pereira

EDITORA MACKENZIE

Conselho Editorial Acadêmico

Helena Bonito Couto Pereira (*Presidente*)

José Francisco Siqueira Neto

Leila Figueiredo de Miranda

Luciano Silva

Márcia Guekezian

Maria Cristina Triguero Veloz Teixeira

Maria Lucia Marcondes Carvalho Vasconcelos

Moises Ari Zilber

Valter Luís Caldana Júnior

Wilson do Amaral Filho

Preconceito e intolerância

reflexões linguístico-discursivas

Diana Luz Pessoa de Barros

ORGANIZADORA

Apoio do Programa em Semiótica e Linguística Geral da USP
(Capes/Proex)



Universidade Presbiteriana Mackenzie

Copyright © 2011 Diana Luz Pessoa de Barros.

Todos os direitos reservados à Universidade Presbiteriana Mackenzie.
Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida por qualquer meio ou forma sem a prévia autorização da Universidade Presbiteriana Mackenzie.

Coordenação editorial: Joana Figueiredo

Capa: Rubens Lima

Projeto gráfico e diagramação: Acqua Estúdio Gráfico

Preparação do português: Otávio Mielnik

Preparação do espanhol: Mônica Cossalter

Revisão: Thaís Richter e Eugênia Pessotti

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Preconceito e intolerância : reflexões linguístico-discursivas /
organizadora Diana Luz Pessoa de Barros. – São Paulo : Universidade
Presbiteriana Mackenzie, 2011. – (Coleção academack ; v. 10)

Vários autores.

ISBN 978-85-7916-108-7

1. Intolerância 2. Linguagem 3. Preconceitos
I. Barros, Diana Luz Pessoa de. II. Série.

11-12922

CDD-306.44

Índices para catálogo sistemático:

1. Preconceito e intolerância na linguagem : Sociologia 306.44

UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE

Rua da Consolação, 930

Edifício João Calvino, 7º andar

São Paulo – SP – CEP 01302-907

Tel.: (55 11) 2114-8774/2114-8785

E-mail: editora@mackenzie.com.br | livraria@mackenzie.br

Site: <http://www.mackenzie.br/editora.html>

Sumário

Apresentação 7

Diana Luz Pessoa de Barros

PARTE 1 | INTOLERÂNCIA E POLÍTICAS LINGÜÍSTICAS

A intolerância linguística no sul do Brasil durante o Estado Novo 15

José Gaston Hilgert

Lenguas amerindias en la literatura latinoamericana:

¿Una sociolingüística literaria? 33

Ígor Órzhyskyj

As histórias de Pai João e os estereótipos sobre a fala do negro no Brasil 49

Margarida Maria Taddoni Petter

De la intolerancia lingüística a la revalorización lingüística:

la política lingüística de Evo Morales 57

Rita Cancino

A intolerância linguística na escola 79

Juscelino Pernambuco e Ana Cristina Carmelino

Gênero/sexo, variação linguística e intolerância 99

Ronald Beline Mendes

PARTE 2 | INTOLERÂNCIA E PRECONCEITO NOS DISCURSOS

Língua portuguesa, identidade nacional e lusofonia 119

José Luiz Fiorin

Insulto e intolerancia: la confrontación en el macro diálogo político 137

Alexandra Alvarez e Irma Chumaceiro

Notícias da luta armada brasileira: reflexões sobre a intolerância 177

Oriana de Nadai Fulaneti

Argumentación y democracia en el discurso de un insurgente

latinoamericano 195

Dália Ruiz-Avila

Filhos de imigrantes latino-americanos e asiáticos em escolas de São Paulo:
casos de intolerância e de preconceito linguísticos veiculados em reportagens 211

Alexandre Marcelo Bueno

Imaginário sobre as línguas como fonte de humor 227

Sírio Possenti

A linguagem como forma de resistência em situação de trabalho 241

Cecília Souza-e-Silva

A construção discursiva dos discursos intolerantes 255

Diana Luz Pessoa de Barros

Apresentação

Diana Luz Pessoa de Barros

Este livro reúne textos resultantes de pesquisas sobre o preconceito e a intolerância na linguagem, desenvolvidos em diferentes instituições e países, e que foram reunidos e discutidos no Simpósio “Intolerância e preconceito linguístico. Formas de resistência”, coordenado por Alexandra Alvarez e por mim, no 53º Congresso Internacional de Americanistas, realizado na Cidade do México, em julho de 2009. Os textos foram mantidos em português e em espanhol, pois o livro se dirige aos falantes de português e de espanhol, da América Latina e de outras partes do mundo. A ambiguidade do título *Preconceito e intolerância: reflexões linguístico-discursivas* tem o propósito de abarcar as duas direções principais empreendidas pelas pesquisas de que o livro resulta: estudo das intolerâncias propriamente linguísticas, de suas relações com a história, a sociedade e o ensino, bem como das formas de resistência a essas discriminações; e análise dos discursos preconceituosos e intolerantes de diferentes tipos, em relação aos diversos preconceitos e intolerâncias que permeiam a sociedade.

A interação entre os homens tem sido apontada, com frequência, como uma das saídas para que as diferenças dialoguem (ROUANET, 2003) e para que acabem as manifestações de preconceito e de intolerância. Como a interação é, por excelência, verbal, ou seja, ocorre por via da linguagem, a intolerância e o preconceito linguístico, que permeiam as relações entre os sujeitos envolvidos na comunicação, impedem ou dificultam a interação desejável e precisam, portanto, ser mais bem conhecidos. Nesse caso, devem ser observados três tipos de intolerância e preconceito linguístico: 1. em relação a outras línguas, as “estrangeiras”, aí incluídas as línguas de sinais, as indígenas, as dos imigrantes; 2. em relação às variedades e modalidades de uma mesma língua; e 3. em relação aos que não têm domínio da escrita.

Três aspectos caracterizam, a nosso ver, a intolerância em relação à linguagem:

- Em primeiro lugar, a intolerância linguística está fortemente relacionada com outras formas de intolerância (a racial, a religiosa, a sexual, a política, por exemplo), sendo difícil separá-las, como ocorre, por exemplo, no discurso separatista de Irton Marx, no livro *Vai nascer um novo país: República do Pampa Gaúcho* (1990), em que aparecem intolerâncias diversas (racista – gaúcho *versus* sertanejo; linguística e outras) conforme os trechos que seguem:

Por isto, se torna necessária a nossa separação do Brasil, pois sob sua guarda jamais conseguiremos colocar um plano de recuperação econômica em prática, continuaremos eternamente em decadência, deixando de ser gaúchos para nos tornar sertanejos, perdendo cada vez mais a nossa identidade [...] (p. 54).

Nossas emissoras de rádio serão mais potentes, e nossos locutores falarão corretamente o português, com boa dicção [...] (p. 143).

- Em segundo lugar, há preconceitos que são mais facilmente aceitos e “justificáveis” na sociedade, enquanto outros são de mais difícil aceitação ou mesmo proibidos por lei. As diferentes formas de intolerância são hierarquizadas e as intolerâncias consideradas mais aceitáveis, como em geral acontece com as linguísticas, camuflam, muitas vezes, as proibidas ou inaceitáveis. Em outras palavras, há uma forma de intolerância de base, predominante e primária, a que se subordinam as demais. A manifestação de intolerância linguística esconde, muitas vezes, intolerâncias raciais ou de outra ordem e é uma das estratégias usadas para não se incorrer em questões “politicamente incorretas” ou proibidas por lei. No Brasil, por exemplo, o preconceito racial em relação aos negros pode ser considerado uma intolerância primária, tanto em relação às discriminações, quanto ao modo de falar dos negros, à sua religião, entre outros aspectos. A relação estreita entre as diferentes formas de intolerância mostra que ela precisa ser examinada, em princípio, de uma perspectiva multidisciplinar para que esse jogo seja desmascarado e faça aparecer o que há em águas mais profundas.

Os discursos de intolerância em relação à linguagem, considerados mais aceitáveis, além de camuflar outras formas de intolerância, escondem os preconceitos em relação à própria linguagem. Os valores éticos do “erro linguístico”, os estéticos da “beleza da linguagem” e os passionais do amor à pátria justificam socialmente as diferentes formas de intolerância em relação à linguagem que se tornam, assim, aceitáveis ou mesmo inexistentes, já que tais manifestações de preconceito e de intolerância têm por fim a busca do “certo”, do “belo” e do “patriótico”. Pode-se perceber isso nos debates atuais na imprensa brasileira sobre o preconceito linguístico, desencadeados pelas críticas a um livro didático que trata da questão, ou na fala de Fernando Henrique Cardoso:

País quer quem fale bem a língua, diz FHC. O ex-presidente Fernando Henrique Cardoso encerrou ontem o Congresso Nacional do PSDB, em Brasília, afirmando que quer “brasileiros melhor educados, e não liderados por gente que despreza a educação, a começar pela própria”. [...] “Nosso partido tem gente acadêmica, não temos vergonha disso. Tem gente que sabe falar mais de uma língua, e também sabemos muito bem falar a nossa língua. Muitos brasileiros ainda não puderam saber falar bem a nossa língua e muito menos as outras”, afirmou FHC para os militantes (FOLHA DE S.PAULO, 24 nov. 2007, p. A6).

- Em terceiro lugar, as relações entre os usos linguísticos ou entre as várias línguas são determinadas por seu caráter público ou privado: no domínio do público, a intolerância surge quando a lei regulamenta certos usos e línguas e proíbe os demais (vejam-se, por exemplo, a proibição, por Pombal, do uso das línguas gerais no Brasil ou a lei Toubon, na França, que não aceita o uso de termos estrangeiros); no âmbito do privado, a intolerância aparece quando as preferências individuais ou de grupos discriminam usos e línguas e impedem que seus usuários tenham acesso a certos empregos, cargos ou funções (vejam-se, entre outros, a discriminação que sofrem os que empregam o “r” caipira ou uma entonação que assinala uma determinada identidade de gênero, em geral, homossexual).

As relações linguísticas, marcadas por preconceitos e intolerância, são, portanto, regulamentadas pela lei ou pelas preferências da sociedade, que determinam uma língua ou um uso como mais correto, mais certo, mais bonito, mais patriótico, mais “virtuoso”, e hie-

rarquizam as demais línguas e usos, que serão ditos possíveis, toleráveis ou proibidos. As relações linguísticas geram, portanto, conflitos, que se manifestam de diferentes formas: lutas, preconceitos, intolerância, de um lado, formas de resistência, de outro.

Neste livro, examinam-se, de diferentes perspectivas teóricas, tanto manifestações de intolerância e preconceito linguístico quanto formas de resistência desencadeadas e caminhos não intolerantes, como o multilinguismo, a aceitação das diferenças linguísticas e o diálogo entre elas.

No grupo dos estudos sobre a intolerância e as políticas linguísticas encontram-se os textos de José Gaston Hilgert, sobre a intolerância linguística no sul do Brasil durante o Estado Novo, em que se focaliza a "asfixia linguística" a que foram submetidos os alemães e seus descendentes no estado de Santa Catarina, naquele período; de Ígor Órzhyskyi, sobre o papel das línguas ameríndias na literatura latino-americana, o que lhe permite falar de uma "sociolinguística literária"; de Margarida Maria Taddoni Petter, sobre as histórias de Pai João, em que são observados os estereótipos sobre a fala do negro no Brasil e suas relações com as imagens construídas do negro; de Rita Cancino, sobre a política linguística e as questões de discriminação linguística e de criação de identidade nacional na Bolívia; de Juscelino Pernambuco e Ana Cristina Carmelino, sobre a intolerância linguística na escola, em que os autores examinam o tratamento dado pelo professor à expressão linguística do aluno; de Ronald Beline Mendes, sobre gênero/sexo, variação linguística e intolerância, em que se observam as relações entre a percepção linguística de identidades de gênero e a manifestação de preconceitos em São Paulo.

A segunda direção tomada pelos trabalhos deste livro é a do exame da intolerância nos discursos. É necessário diferenciar o exame da intolerância linguística propriamente dita, primeira direção apontada, do exame linguístico-discursivo da intolerância de qualquer ordem, tal como tem sido feito pelos estudiosos do discurso e do texto, de perspectivas diversas. Neste caso, o objetivo é mostrar como se constroem os discursos intolerantes, que procedimentos e estratégias são usados nessa construção, e em que quadro de valores ou em que formação ideológica os discursos se inserem. A intenção desses traba-

lhos é contribuir, na perspectiva dos estudos da linguagem, com os estudos sobre a intolerância nos diferentes campos do conhecimento (história, sociologia, psicologia, entre outros), ou seja, aprimorar uma proposta teórica e metodológica, no âmbito dos estudos da linguagem, para exame dos discursos intolerantes, sem deixar de considerar a necessidade de estudos multidisciplinares. Além disso, finalmente, contribuir, pela produção de saber sobre a intolerância e seus discursos, para a diminuição da intolerância em nossa sociedade e para o crescimento dos discursos tolerantes, no sentido positivo que Bobbio (1992) atribui ao conceito de tolerância.

No segundo grupo estão os estudos de José Luiz Fiorin, sobre tolerância e intolerância na cultura brasileira, em que o autor mostra, com numerosas análises de discursos, que a imagem de tolerância autoconstruída no Brasil não é verdadeira; de Alexandra Alvarez e Irma Chumaceiro, sobre o insulto e a intolerância na confrontação que se cria no diálogo político, com o exame de discursos do presidente Hugo Chávez; de Oriana de Nadai Fulaneti, a respeito de reportagens sobre a luta armada brasileira, em que se busca depreender a imagem dos guerrilheiros nelas construída e a presença ou não de marcas de intolerância; de Dalia Ruiz-Ávila, sobre o discurso autobiográfico de um insurgente, em que são examinadas, principalmente, as estratégias argumentativas e, entre elas, o emprego da palavra “democracia”; de Alexandre Marcelo Bueno, sobre a intolerância em relação aos filhos de imigrantes latino-americanos e asiáticos na escola, em São Paulo, a partir do exame de reportagens; de Sírio Possenti, sobre a representação de imaginário sobre línguas, em textos humorísticos, sobretudo naqueles que manifestam pontos de vista etnocêntricos, com representações preconceituosas, distorcidas ou simplificadas de aspectos das línguas dos outros; de Cecília Souza-e-Silva, sobre a linguagem como forma de resistência em situação de trabalho, em que se estuda, principalmente, como os ambulantes de São Paulo resistem ao preconceito que sofrem; de Diana Luz Pessoa de Barros, sobre como se constroem os discursos intolerantes.

Diana Luz Pessoa de Barros
São Paulo, 15 de abril de 2011.

Dois caminhos que se aproximam e se cruzam são tomados pelo livro *Preconceito e intolerância: reflexões linguístico-discursivas*: na primeira direção se examinam, de diferentes perspectivas teóricas, manifestações de intolerância e preconceito linguístico, formas de resistência desencadeadas e caminhos não intolerantes, como o multilinguismo, a aceitação das diferenças linguísticas e o diálogo entre elas; na segunda, mostra-se como se constroem os discursos intolerantes, que procedimentos e estratégias são usados nessa construção, e em que quadro de valores ou em que formação ideológica os discursos se inserem. A intenção, nos dois rumos empreendidos, é contribuir, na perspectiva dos estudos da linguagem, com as pesquisas sobre a intolerância nos diferentes campos do conhecimento e com a produção de saber sobre a intolerância e seus discursos, para a diminuição da intolerância em nossa sociedade e para o crescimento da tolerância e da aceitação social.

ISBN 978-85-7916-108-7



9 788579 161087

